



## **A MEDIAÇÃO DOCENTE NO USO JORNAL NA SALA DE AULA**

ACCORSI, Fernanda Amorim

[accorsifer@gmail.com](mailto:accorsifer@gmail.com)

TERUYA, Teresa Kazuko

[tkteruya@gmail.com](mailto:tkteruya@gmail.com)

Universidade Estadual de Maringá

**Formação de Professores e Intervenção Pedagógica**

### **Introdução**

Programas de televisão, aplicativos de celular, sites da internet, programas ao vivo no rádio dividem as atenções de crianças e adolescentes do século XXI. Tecnologias e mídias têm realizado uma educação para além da sala de aula. Na escola ou fora dela, os jovens se deparam com um turbilhão de informações, capazes de atrair e confundir, já que diante do caos de informação, cada um lida com o excesso de uma forma. Os/as professores/as também fazem parte deste universo, se antes as fontes para aprimorarem as práticas pedagógicas eram os livros e a escola formal, agora elas também são encontradas nos *websites*. Tudo muito rápido e acessível para os conectados ao mundo digital.

A aprendizagem não acontece apenas por meio de apostilas ou livros didáticos, no espaço temporal em que nos encontramos, podemos mencionar que houve mudanças educativas oportunizadas pelas mídias. Como nos lembra Orozco Gomes (2006, p. 96). se antes a palavra final do conteúdo historicamente elaborado era a do livro, agora é a da tela. “O quarto em que se usa o computador [...] se torna cenário de várias vivências; embora sejam vicárias e virtuais, transformam-se em ‘lições’ de vida. O que se aprende aí resulta muitas vezes mais relevante do que aquilo que se aprende em instituições educativas formais”. Nesta perspectiva, os educadores temem serem substituídos pelos instrumentos tecnológicos, uma vez que a aprendizagem pelas tecnologias acontece pela exploração, pelo descobrimento, onde o/a aluno/a é autônomo e descobridor de seu caminho.



Alguns/as professores/as recusam as mídias e as tecnologias em sala de aula também pela dificuldade em usá-las didaticamente, demonstram insegurança, pois não tiveram formação acadêmica que subsidiassem a prática em sala de aula (CITELLI, 2000). Essa atitude separa a escola das outras esferas sociais que já têm feito destes mecanismos suportes para atingir seus objetivos. Não podemos generalizar as práticas pedagógicas das escolas brasileiras, afinal em muitas instituições já existem iniciativas em que a mídia tem espaço no processo de ensino e aprendizagem.

Nesta conjuntura, com o aparecimento constante de novas formas de comunicação, muito se discute se os meios de comunicação como o jornal e a revista impressa continuarão a ter espaço entre os usuários de mídia. Há quem se recuse a ler o mesmo conteúdo do impresso na internet e empresas jornalísticas têm desenvolvido programas que levam o jornal para as escolas, prática em crescimento nos últimos anos. “No Brasil, os projetos de jornal e educação estão reunidos principalmente no programa da Associação Nacional de Jornais – ANJ e atingem mais de sete milhões de alunos em todo país” (CAPRINO, 2008, p2).

Em uma pesquisa “Jornal e educação: da leitura à cidadania” de 2008, encomendada pela Associação Nacional de Jornais (ANJ) com os estudantes, aponta que o jornal é capaz de colaborar com o desenvolvimento da cidadania. Os/as estudantes entrevistados/as disseram que os jornais precisam dar voz às pessoas carentes e à comunidade e não apenas escutar o que os órgãos públicos têm a dizer. “Entre as ações citadas estão uma maior conscientização da população e o estímulo à redução do preconceito” (PESQUISA JORNAL E EDUCAÇÃO, 2009, p 28).

Estes estudantes frequentam as escolas integrantes de programas de Jornal e Educação, ou seja, as instituições onde estudam já utilizam o jornal na sala de aula. Conforme o site da ANJ, existem 50 projetos de empresas jornalísticas que oferecem o jornal às escolas, instituições de educação não formal e bibliotecas, cujo objetivo é formar novos leitores de jornal. Professores/as e alunos/as têm acesso ao jornal e, em alguns casos, contam com capacitação/orientação para a prática pedagógica com o veículo. (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS JORNAIS, 2012). Neste artigo, não vamos focar exclusivamente em um programa de Jornal e Educação, mas problematizar o papel deste veículo na escola.

Para Gadotti (2007, p. 58), todo docente necessita de apoio teórico e pedagógico para formar leitores, entre outras coisas, “[...] saber distinguir, sem separar, o texto, o contexto e a



realidade. [...] Um texto não é a realidade”. Formar leitores remete-se à formação cognitiva e afetiva e nesta perspectiva, a escola precisa ser um espaço de produção e não apenas recepção das mensagens oriundas do jornal, ou de qualquer outro meio de comunicação. Não precisa aceitar as notícias jornalísticas, mas, principalmente, “[...] indagar sobre como a mídia nos mostra ‘o mundo’” (*Id. Ibid.*, p. 39).

O jornal seria um mecanismo capaz de colaborar com o desenvolvimento intelectual dos estudantes, seria, também, um instrumento de leitura dos fatos da realidade, mas não o retrato dela. Para formar cidadãos por meio do acesso ao jornal, é preciso formar leitores experientes e com criticidade, que conheçam os problemas sociais que acometem seus contextos e possam agir sobre eles. Nas palavras de Maria Alice Faria, “[...] jornais e revistas são, portanto, mediadores entre a escola e o mundo” (FARIA, 1996, p. 11).

Aos poucos, o jornal deixa de ser “coisa de adulto” e passa a ser foco de reflexão dos assuntos sociais. Na escola, os/as professores/as podem determinar um dia da semana para o trabalho com o jornal ou utilizá-lo junto com o livro didático na rotina escolar. Faria expõe a “pedagogia da informação” como didática para situar os/as alunos/as diante do excesso de informação. A pedagogia consiste em “[...] ensiná-lo a selecionar os fatos, organizando-os, analisando-os, criticando-os”, o que leva o estudante a complexificar operações mentais como selecionar, comparar, levantar hipóteses e conceituar (FARIA, 1996, p. 13).

O nosso contexto de midiatização eletrônica da cultura suscitou o seguinte problema: em meio a tanta tecnologia o que faz o jornal impresso, surgido em 1808 no Brasil<sup>1</sup>, agora com uma roupagem contemporânea, nas escolas brasileiras?

## **Objetivos**

Discutir como o jornal está sendo utilizado no espaço escolar e as perspectivas desta utilização como fonte no processo de ensino e aprendizagem e apoio pedagógico aos/as professores/as;

Problematizar o jornal impresso na escola como forma de re(pensar) o processo de ensino e aprendizagem que ocorre pelas mídias.

---

<sup>1</sup> Conforme Sodré (1994), o jornal impresso surgiu, no Brasil, em 1808, com o *Correio Braziliense*, produzido em Londres pelo brasileiro Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça.



## **Metodologia**

Não pretendemos chegar a grandes conclusões, nem elaborar um manual sobre a prática com jornal na sala de aula, mas abordar o assunto com base nos Estudos Culturais. Para estabelecer uma discussão acerca do jornal na sala de aula utilizamos as contribuições das teorias mídia-educação, apoiada em uma pesquisa bibliográfica, especialmente em autores como Kellner (2001), Belloni (2009), Teruya (2006, 2009) e Orozco-Gomes (2006).

O jornal pode ser uma rica fonte de construir o conhecimento. No entanto, percebemos certa timidez entre os/as educadores/as em trabalhar temas polêmicos. Um deles seria a prostituição, que aparece no jornal diariamente, na seção de anúncios. Uma ambivalência se dá nesse momento, pois de um lado existe uma dificuldade em abordar temas como prostituição, em contrapartida, especialistas e autores, que tratam sobre o jornal na escola, apoiam a discussão, o debate e a flexibilização do conteúdo escolar na prática. O/a professor/a, neste sentido, não sabe exatamente o que fazer com tal demanda de informação.

Outro ponto para reflexão sobre a prática com o jornal na sala de aula é a formação dos/as professores/as para identificar as ideologias que perpassam as mensagens da mídia e observar a mídia como um produto de empresa jornalística, inserida em um contexto que visa o lucro. Tomamos o conceito de ideologia aqui como aquele discutido por Kellner (2001) que problematiza a opressão de um grupo em detrimento de outro, a mesma ideologia que inferioriza as mulheres em benefício dos homens e que estipula o que é “próprio” e “impróprio”.

Afinal, os meios de comunicação não podem ser vistos como meros retratos da realidade, responsáveis por disseminar a verdade do que acontece na sociedade. “Grande número de pessoas são levadas a acreditar que tudo o que vem no jornal é verdade ou é a verdade sobre o fato” (FARIA, 1996, p. 14). Mas a autora alerta: “Basta cotejar os títulos de uma mesma notícia em dois jornais diferentes para se pôr em dúvida esta crença” (p.14). Portanto, o jornal na sala de aula pressupõe um conhecimento sobre a mídia e suas mensagens, para que sejam usadas em suas potencialidades comunicativas de ensinar, promover conhecimento e não disseminar os padrões e as representações do real.



É imprescindível que ocorra a leitura crítica da mídia para que seu uso não seja sintetizado ao entretenimento e à leitura superficial em que se adquirem conceitos e princípios sem questionamento. Entender a cultura da mídia é compreender como ela “[...] transmite representações opressivas de classe, raça, sexo, sexualidade, etc. capazes de influenciar pensamentos e comportamento [...]” (KELLNER, 2001, p. 83).

Afinal, concordamos que exista uma cultura compartilhada pela escola e pelos meios de comunicação, porém não podemos considerá-la “a única cultura do mundo”. As manifestações de cultura local também vêm conquistando espaço nas esferas sociais e os/as professores/as precisam conhecer essas manifestações para não classificar e censurar a cultura dos educandos. A escola pode ser um espaço de desconstrução do sujeito, onde ocorrem “os fluxos culturais” (MACEDO, 2010). Nesta conjuntura, as imposições trazidas pelas mídias como certo ou errado são problematizadas e não são aceitas sem criticidade. Propomos que o trabalho com os anúncios sobre prostituição, veiculados pelo jornal, sejam foco de debate sobre escolhas, tabus, pudores e necessidades sociais e culturais dos sujeitos de determinada sociedade.

Um campo que tem se preocupado com a criticidade na recepção do conteúdo dos meios de comunicação é chamado de mídia-educação, cuja concepção trata da mídia como uma “escola paralela”. Maria Luiza Belloni e Evelyne Bévort explicam que os termos como “mídia-educação” ou “educação para as mídias” surgiram na década de 60, com organismos internacionais como a UNESCO e alertam que educação e mídia podem caminhar juntas:

Trata-se de um elemento essencial dos processos de produção, reprodução e transmissão da cultura, pois as mídias fazem parte da cultura contemporânea e nela desempenham papéis cada vez mais importantes, sua apropriação crítica e criativa, sendo, pois, imprescindível para o exercício da cidadania (BELLONI; BÉVORT, 2009, p.3).

O desenvolvimento do espírito crítico no espaço escolar supõe receber as mensagens midiáticas não como fontes de verdades, mas como mídias que transmitem informações carregadas de subjetividades. Compreender o conteúdo dos meios de comunicação exige compreender o processo de codificação e decodificação dos princípios e valores disseminados nos conteúdos dos meios de comunicação, na perspectiva de Hall (2003), Freire (2011) e



Teruya; Moraes (2009). A preocupação com a recepção das mensagens midiáticas justifica-se porque se os conceitos midiáticos interferem e até modificam o sujeito, desta forma, a humanidade caminha por uma direção desconhecida. Para Belloni (2009) tal caminho pode ser perigoso.

Para ler criticamente a mídia não podemos nos apegar em manuais e cartilhas, mesmo aquelas feitas por especialistas. O trabalho de educação para as mídias, em sua essência, não é fácil, requer do/a professor/a uma postura de constante crítica, um olhar aguçado sobre a sua realidade e sobre as narrativas midiáticas que chegam até ele/a. Isso dá trabalho. Para conhecer e utilizar o jornal na sala de aula é preciso verificar sua postura ideológica, perceber nas entrelinhas de suas manchetes, reportagens e fotografias intenções e objetivos subliminares.

Antes de levar o jornal para a leitura em sala de aula, é necessário conhecer o material a ser trabalhado. Isto implica em problematizar seu conteúdo para elaborar questões no momento da leitura e refletir sobre as informações disponibilizadas no jornal. Paulo Freire escreveu que na esfera da educação: “É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (FREIRE, 2011, p. 40). Repensando o trabalho com o jornal é que podemos nos aproximar das formas críticas de utilização da mídia na educação.

## **Resultados**

Discordamos em partes da perspectiva de Faria (1996) que oferece uma sequência de atividades em seu livro “Como usar o jornal na sala de aula”, uma vez que o contexto, em que o/a professor/a-leitor/a desse livro está inserido/a, se difere em cada região do Brasil. É preciso ir além de sugestões para que apreenda cada mídia de uma forma. Afirmamos: não há um modelo, uma conclusão, um inacabamento, existe um fluxo constante de aprender e ensinar, de ver e interpretar.

Por outro lado, consideramos interessante o planejamento pedagógico proposto pela autora que sugere um percurso que leva em consideração o tempo que cada professor/a tem para se dedicar ao trabalho com o jornal e as características e necessidades de cada turma de alunos/as. Não temos a pretensão de prolongar a crítica ou apoio às perspectivas de Faria, mas apenas de apontar o ponto de vista de nossos estudos e leituras.



O/a professor/a tem o papel de mediador/a do trabalho com a mídia na sala de aula, cuja preocupação é atender, entre outras coisas, ao currículo escolar, aos projetos, às necessidades e dificuldades dos/as alunos/as e muitas vezes não têm formação adequada ou tempo para suprir a demanda de uma rotina escolar.

Ao observar a matriz curricular do curso de graduação em Pedagogia<sup>2</sup> da UEM, percebemos que existem disciplinas semipresenciais, tais como: a Introdução à Educação e à Comunicação; Educação e Informática; Educação e Novas Tecnologias; Educação, mídia e arte, que subsidiam a formação do/a professor/a para trabalhar temas relacionados à mídia e educação. Em nenhuma das ementas das disciplinas há a menção da leitura crítica da mídia ou teorias da comunicação, o que pode comprometer o trabalho crítico do/a professor/a em sala de aula. No caso do uso do jornal na escola é indispensável que o usuário deste recurso entenda o funcionamento da comunicação, conheça os artifícios utilizados para chamar a atenção dos leitores e perceba-os como características e diretrizes de uma empresa que visa o lucro. A empresa de comunicação responsável por determinado jornal está vinculada à sociedade onde ela está inserida.

Defendemos aqui uma postura atenta para que não ocorra a banalização da vida promovida pela mídia, para que a educação formal transforme o entretenimento em discussões profícuas das informações disponibilizadas pelos grandes grupos de comunicação no país. Na escola, o/a professor/a mediador/a posiciona-se na contramão do direcionamento oferecido por estes grupos, para que o ensino e a aprendizagem não aconteçam de forma técnica, como ocorrem muitas vezes com o uso dos computadores na escola, onde os técnicos dão aula no lugar dos/as professores/as (TERUYA, 2006).

O paradigma educacional que nos referimos pressupõe um olhar mais apurado para as mensagens midiáticas, já que elas circulam na sala de aula.

O poder da mídia no processo de produção do universo simbólico garante a manutenção e legitimação da cultura idealizada pelos grandes grupos econômicos. A comunicação *midiática* assegura a adesão, sem resistências, ao pensamento hegemônico. A sua interferência no universo escolar, portanto, dificulta o acesso ao conhecimento da realidade concreta (TERUYA, 2006, p. 56).

<sup>2</sup> Tomamos como eixo de análise o curso de graduação em pedagogia da Universidade Estadual de Maringá (UEM). As diretrizes do curso estão disponíveis em <http://www.pen.uem.br/html/pen/graduacao/cursos/ped.pdf>. Acesso em 17 de setembro de 2012.



Entender a mídia é o despir-se de alguns conceitos e “verdades” e educar o olhar sobre as informações, como faz Giroux (2011) sobre as produções da Disney, discutindo a “pedagogia da inocência” que envolve a significação dos trabalhos da Disney Company. Este autor percebe que as inúmeras mercadorias da Disney não tratam das batalhas culturais, ao contrário, são responsáveis por uma ideologia política que sustenta a sociedade consumidora, por meio de suas animações e aventuras aparentemente inocentes produzidas pela empresa Disney.

As mensagens da Disney demonstram seu poder de alimentar os sonhos e as fantasias da infância que são absorvidos pela cultura popular. Se a política cultural da Disney é a inocência, qual seria a política do meio de comunicação que está na sala de aula de inúmeros professores/as e alunos/as das escolas brasileiras? Para responder esta questão, levamos em conta que a pedagogia é a construção de um olhar político, portanto indispensável na formação docente (GIROUX, 2011).

Para realizar uma leitura crítica da mídia é necessário que haja uma mediação docente das mensagens midiáticas na sala de aula. No processo pedagógico, um/a professor/a que compreende as intenções dos meios de comunicação precisa trabalhar com os labirintos das imagens e mensagens, ou seja, “oferecer vários caminhos para que o sujeito conheça os elementos que vão entrar e vão construir a sua identidade [...]” (TERUYA, 2006, p. 102). Afinal, a construção da identidade de sujeitos pensantes e reflexivos é a premissa de uma educação democrática e cidadã, seja com apoio do jornal, do livro didático ou de qualquer outro material.

Para finalizar, defendemos a formação de docentes que exercem um trabalho intelectual na sala de aula, como aquele difundido por Giroux (1997, p. 161) ao “[...] encarar os professores como intelectuais, podemos elucidar a importante idéia de que toda a atividade humana envolve alguma forma de pensamento”. Este autor trata os/as professores/as como intelectuais transformadores/as. Afinal, são eles que estão na prática, no contato direto com seus educandos e podem promover debater e criticar os interesses sociais, políticos e econômicos por meio de suas pedagogias. Como mencionamos neste trabalho, existem possibilidades para uma leitura crítica capaz de promover mudanças e oferecer voz aos/as alunos/as. Os/as professores/as intelectuais utilizam de suas práticas para se manifestarem contra os problemas sociais, que, muitas vezes, estão estampados nas capas do jornal.





## **Conclusão**

Vimos neste artigo que mesmo diante das mais modernas tecnologias, os jornais impressos estão na sala de aula das escolas brasileiras. São instrumentos que fazem parte do currículo escolar. Esperamos contribuir com a reflexão dos profissionais da educação acerca do jornal na sala de aula e como suas práticas pedagógicas têm sido formas para promover o olhar crítico e político dos/as alunos/as. Consideramos válido pensar sobre o jornal na sala de aula e como o docente pode exercer um trabalho que não aliena ou reforce conceitos pré-estabelecidos pela sociedade vigente, mas que seja o ponto de partida para uma formação crítica e cidadã dentro da escola e através da mídia.

Na perspectiva do campo de mídia-educação, vemos que o jornal pode ser utilizado como fonte para o desenvolvimento intelectual do/a aluno/a, mas para isso é indispensável que o/a professor/a conheça esta mídia, sua ideologia e suas tendências, atuando como mediador/a no processo de ensino e aprendizagem. O jornal contribui para formar leitores/as, embora nossa defesa seja em prol da formação de leitores críticos, que façam elo entre as notícias e suas experiências, que consigam construir suas próprias opiniões e se posicionem diante dos temas veiculados pela mídia.

Reforçamos a ideia de uma reflexão constante sobre a prática com o jornal para que o veículo seja mediador entre a escola e o mundo, desde que se entenda que o jornal traz um recorte do “mundo”, um olhar sobre ele e não sua totalidade. O jornalismo e a publicidade que chegam à sala de aula são produzidos por gente e essa gente traz consigo suas experiências, abstrações e pontos de vista.

Formar professores/as para o trabalho pedagógico com a mídia é indispensável para que ele/a não fique isolado em sua jornada e consiga compreender as formas de ensinar e aprender da sociedade em que vivem. O que é possível por meio de discussões que não tratem a mídia como certa ou errada, boa ou má, mas a veja como um espaço de produção e manifestação cultural, por isso merece nossa atenção e já está na rotina escolar.



## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS (ANJ). **Programas de jornal e educação**. Disponível em <<http://www.anj.org.br/jornaleeducacao>>. Acesso em 23 set. 2012.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação**. Campinas: Autores Associados, 2009.

BEVÓRT, Evelyne; BELLONI, Maria Luiza. Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas. **Educação & Sociedade**. Campinas: vol. 30, n.109, p. 1081-1102, set/dez.2009.

CAPRINO, Mônica Pegurer. **Interfaces Jornal e Educação: Panorama e Transformações na Sociedade Global**. Trabalho apresentado na NP Comunicação Educativa, do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisas em Comunicação do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Natal, 2008. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-1737-2.pdf> Acesso em 14 de set de 2012.

CITELLI, Adilson. Meios de comunicação e práticas escolares. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 17, p. 30-36, jan/abr. 2000.

FARIA, Maria Alice. **Como usar o jornal na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática pedagógica**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GADOTTI, Moacir. **O jornal na escola e a formação de leitores**. Brasília: Líber Livro Editora, 2007.

GIROUX, Henry A. Memória e pedagogia no maravilhoso mundo da Disney. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis, Vozes, 2011.

GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA. **Ementa do curso**. Maringá, Universidade Estadual de Maringá. Disponível em <http://www.pen.uem.br/html/pen/graduacao/cursos/ped.pdf> Acesso em 17 de setembro de 2012.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Organizadora Liv Sovik. Tradução: Adelaine La Guardia Resende [et.al]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e pós-moderno**. Bauru: EDUSC, 2001.

MACEDO, Elizabeth. “A cultura e a escola”. In: MISKOLCI, Richard (org.) **Marcas da Diferença no Ensino Escolar**. São Carlos: EdUFSCar, 2010.



OROZCO-GOMES, Guillermo. Comunicação social e mudança tecnológica: um cenário de múltiplos desordenamentos. *In*: MORAES, Dênis. **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, p. 81-98.

PESQUISA JORNAL E EDUCAÇÃO - Da leitura à cidadania. Pesquisa qualitativa sobre os programas jornal e educação. Brasília: John Snow Brasil, 2009. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/jornaleeducacao/biblioteca/pesquisas/pesquisas>> Acesso em: 10 set. 2012.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Mauad, 1994.

TERUYA, Teresa Kazuko. Sobre mídia, educação e Estudos Culturais. In. MACIEL, Lizete Shizue Bomura; MORI, Nerli Nonato Ribeiro (Org.) **Pesquisa em Educação: Múltiplos Olhares**. Maringá: Eduem, 2009. p. 151-165.

TERUYA, Teresa Kazuko. **Trabalho e Educação na Era Midiática**: um estudo sobre o mundo do trabalho na era da mídia e seus reflexos na educação. Maringá, Eduem, 2006.

TERUYA, Teresa Kazuko; MORAES, Raquel de Almeida. Mídias na educação e formação docente, **Linhas Críticas**, Brasília, v. 14, n. 27 p. 327-343, jul./dez. 2009.